



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA

* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

End. telegr. Talhã - Lisboa - Telefone: 2

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

O MILITARISMO

Decerto que muita gente já formulou a seguinte pergunta: «Para que serve o militarismo?». Nós, querendo responder, apenas encontramos este pensamento: «Para destruir».

Dizem os patriotas que não. Exclamam os proprietários, apolíticos, que o militarismo tem um papel brilhante, simpático a desempenhar — defender a propriedade. Esta exclamação surge a contestação de todos os que não são proprietários nem possuem bens, a render, o suor dos trabalhadores transformado em papéis de crédito. «A propriedade é o roubo» e, por consequência, esses soldados que selvaticamente a defendem, são unicamente muitas vezes obrigados, cúmplices desse roubo, defensores desse roubo.

Preguntarão os leitores porque razão nos entregamos a estas considerações filosóficas a respeito do militarismo e do roubo, e não dedicamos este artigo ao assunto de sempre — a carência da vida. E nós diremos que a carência da vida, a propriedade privada e o militarismo, estão intimamente ligados e que, atacando um, atacamos todos os outros.

Quando o povo se revolta, devido à carência dos géneros, a guarda republicana, a polícia ou qualquer outro derivado do militarismo apresentam-se imediatamente para sovar esse povo. Vê-se, portanto, que o militarismo está ao lado do assombro, do causador da carência. Ora, a carência é provocada pelo proprietário e nunca pelo povo despossado. E, pois, o militarismo é um tempo defensor da carência, da propriedade, isto é, do roubo. Se todos os inimigos do povo, políticos e proprietários, não tivessem do seu lado os braços que lhes guardam as costas, o povo já teria há muito tomado conta do que de direito lhe pertence e não passaria a vida miserável que está passando. O militarismo é, portanto, o pilar mais forte sobre o qual a sociedade capitalista assenta.

Não convém, porém, aos detentores da propriedade, que é de todos, nem aos políticos serventários dessa propriedade, dizer que o militarismo defende o roubo e massacra o povo. Inventam determinadas mentiras com que pretendem tornar aceitável o sofisma, a mentira convencional da sociedade madra. Dizem então que o militarismo serve para segurança da pátria e da ordem.

E' necessário, porém, que vejamos as cousas com olhos de vêr.

De que serve um exército forte a uma pátria como esta, que ao mais leve sopro do militarismo estrangeiro, dez e vinte vezes mais forte, se reduz a pó?

O exército, portanto, de nada servia contra uma invasão, visto que seria imediatamente esmagado. Tem outra serventia que as classes dominantes tentam ocultar aos olhos do povo: defendê-lo, a eles, aos grandes proprietários, aos tiranos de toda a espécie.

Quanto à defesa da ordem pública é outra mentira. Só há ordem quando há pó. Eles roubam-nos o pão, originam a fome, o exército é pelegando por eles, luta pela desordem.

O militarismo é imoral numa sociedade, porque é a violência dos grandes contra os pequenos, dos tiranos contra os tiranizados, do ladrão contra o roubado.

Sendo imoral nas sociedades, exerce por sua vez a imoralidade nos indivíduos. Vejamos, pois, como ele degenera.

Os Sovietes e a Burguesia

Bonar Law teme a aliança da Rússia com a Alemanha

LONDRES, 15. — A declaração de ontem de Bonar Law, na Câmara dos Comuns, sobre a resposta enviada, de Spa, por Lloyd George à última nota do Governo dos Sovietes, não causou nenhuma surpresa e os comentários dos jornais de esta manhã são favoráveis.

Até o Morning Post, cuja atitude na questão russa foi sempre de intransigência, admite que é melhor renunciar de uma vez para sempre a sustentar as recentes negociações constituídas em um reconhecimento do regime de Lenine. A situação é muito clara para que possam subsistir reparos.

A Polónia corre o risco de ser invadida pelos bolchevistas e, neste caso, não somente não se cumpriria o Tratado de Paz, como também a Rússia e a Alemanha poderiam unir-se no caso de se chegar a acordo. Isto é o que Hugo Stinnes compreendeu facilmente.

Por conseguinte se se conseguir evitar uma aliança perigosa por meio de estas negociações, não se pode pelo menos desejar-lhes feliz êxito.

As concessões oferecidas pela Rússia ao capitalismo estrangeiro

LONDRES, 15. — Confirma-se que os Sovietes autorizam a Krassine para negociar, quando regressar a Londres, importantes concessões de exploração das riquezas naturais da Rússia.

O suplemento comercial do Manchester Guardian de hoje publica uma lista das concessões mineiras e florestais que a Rússia se dispõe a oferecer aos capitais estrangeiros.

Os concessionários terão plena liberdade de exportar o produto de suas concessões; mas do excedente das exportações só poderão dispor os organismos governamentais. Terão, ainda de sujeitar-se às leis operárias e também às leis que se referem à conservação da pesca e dos recursos mineiros e florestais.

o homem, como o prevete, como o estupidifica.

O homem que abandona o campo ou a oficina para ingressar no exército não vai, como políticos e capitalistas dizem, cumprir um mandato honroso. Vai sobrecarregar a comunidade, porque come e não produz — rouba indirectamente. Quando o mandam matar o seu semelhante — torna-se assassino. Que um homem impellido pela fome se veja obrigado a roubar, é justificável, perdoável até; que um homem exaltado por uma ideia mate, é ainda justificável. Mas que a frio, apenas porque lhe dizem: «Mata!», arranque bárbaramente a vida ao seu semelhante, é injustificável, imperdoável.

Assim o ambiente de mentira, arranjado pelos tiranos, permite que milhares de homens se previeram e se tornem um verdadeiro pesadelo para os que trabalham.

A sociedade burguesa tem conveniência em que os homens que se alistam nas fileiras do exército sejam ferozes. Por isso exaltam todas as barbaridades que os soldados praticam, adunam-lhes todas as infâmias. Essas infâmias e barbaridades chamam-se, na sua linguagem, heroísmo, amor pátrio, fidelidade no cumprimento dos deveres. Apenas lhes convém que os soldados sejam humildes, submissos e servis, para com os superiores.

Esses superiores são os grandes capitalistas, os políticos e os oficiais, que directa ou indirectamente tem vantagem em manter o povo na escravidão. Esse respeito chama-se ainda, na linguagem deles, respeito aos superiores, disciplina. O respeito e disciplina, criam a coragem moral nos soldados, que tem medo de dizer abertamente o que pensam e que desam não se pode defender dos seus ataques. Eles são, então, tam selvagens quanto possível, para que os elogiem e condecoram, cobardemente submissos para com os superiores, para que os adulem e não castiguem. Substitui-se assim o sentimento, não humano, pela brutalidade da fera que se encolhe ante o domador, que lhe bate, e se atira sobre o fraco, o que não se pode defender.

A guarda republicana tem nestes últimos tempos praticado inúmeras barbaridades. Ela está na situação que acima apontamos. A moral do soldado é a tal moral covarde e ao mesmo tempo homicida. E' selvagem porque lhe elogiam a selvageria.

Praticam os crimes que a Batalha tem verberado, mas ninguém dá ouvidos. Os jornais republicanos, que no tempo da monarquia atacavam a guarda municipal, que nunca chegou a fazer o que esta faz hoje, elogiam os bravos soldados, a simpática corporação.

Há assassínios provados. Faz-se sobre eles silêncio. Parece que ainda excitam os soldados a praticar os maiores e mais repugnantes. Os espancamentos são o pão nosso de cada dia, as mortes sucedem-se e... é sempre a guarda que cumpre honrosamente os seus deveres.

A vida de qualquer trabalhador está à mercê desses anafabatos fardados, a quem ensinam a assassinar.

E o mais duro é ser o povo massacrado, quem paga a essa horda de bárbaros, que, bem comidos e bem bebidos, estão convencidos de que viver se resume em espancar e matar.

Basta de crimes!

Isto é deles!

Da informação do governo civil respigamos esta notícia:

«O guarda 1148, da 4.ª esquadra participou ao comando da polícia, que, encontrando-se de serviço para manter a ordem numa bicha de tabaco, na rua da Praça da Figueira, appareceram ali dois indivíduos que pretendiam à força entrar no estabelecimento para comprar tabaco.

Os populares que ali estavam protestaram, tendo elle, participante, de convidar a sair os tais indivíduos. Estes, então, declararam ser carcereiros da guarda republicana e que por isso haviam de levar tabaco, e ainda que fosse à força; como não conseguissem o seu intento, foram buscar seis praças da guarda republicana, os quais pretendiam prender o guarda participante e o seu colega 463, não o fazendo em consequência dos protestos do público.»

E' o que se está vendo; a guarda republicana é quem tudo manda neste desgarrado país; e aquele que se atreve a defender a liberdade e o direito à vida é ferozmente agredido pelos janizários.

Aqueles que tanto berraram contra a antiga guarda municipal, tem agora ao seu serviço, para calar a voz dos que protestam contra as suas infâmias, uma guarda que exorbita muito mais, pois que tem o apoio de todos os sarrafaes que atraem com ela contra o povo roubado e escarnecido.

O que dá o "patriotismo"

Uma scena canibalesca

PARIS, 17. — No concerto dos embaixadores, os irmãos Delavigne recusaram levantar-se enquanto a orquestra tocava a Marselhesa. O público, indignado, linchou-os, entregando-os em misero estado aos guardas de segurança. — Rádio

MONIÇÕES PARA "A BATALHA"

E' animadora a forma como a parte consciente do operariado ocorre ao nosso apelo, dando-nos o seu esforço material para que a Batalha viva. Reconhecem os camaradas conscientes que o porta-voz da organização operária, tem que existir, tem que viver, e assim procuram ajudá-lo com a maior soma de donativos possível.

A semana finda entrou na administração de A Batalha uma importância bastante avultada, produto de quotas, como abaixo se verá, e mal nos iria se tal facto não succedesse, sujeitos às constantes subidas do preço do papel e outros encargos.

Portanto, para que A Batalha tenha uma vida tanto quanto possível desafogada, é preciso que toda a organização operária dispense o seu auxilio, que se transformará em municiões, para poderem continuar no ataque ao inimigo comum, que muito se regosijaria com o seu desaparecimento, ficando em campo livre para impunemente e traiçoeiramente nos atacar.

Cumprindo com o vosso dever, não fazais mais que demonstrar a vossa consciência.

A seguir publicamos a lista correspondente à semana finda:

Transporte	6.717\$27
Associação dos Litógrafos, cotização de auxilio	11\$15
Associação dos Chapelleiros, cotização de auxilio	4\$60
Associação dos Manufatureiros de Calçado, idem	16\$60
Associação dos Alfaiates, idem, idem	45\$00
Do cofre	7\$50
Associação dos Manufatureiros de Calçado do Porto, quete	10\$00
Associação dos Sapateiros de Beja, 20 0/0 da cota de 1950 por sindicado	45\$00
Associação dos Corteiros, quetes	15\$54
Associação dos Frigateiros, quete na assembleia	13\$70
Entre o pessoal da Cooperativa dos catraeiros	52\$00
Ferrovários do Minho e Douro, quete	17\$65
Sindicato Unico da Construção do Porto, cota	30\$00
Conselho Técnico da Construção Civil, quete entre os operários da obra da Morgue	1\$05
Carpinteiros de scena do Eden Teatro	1\$55
Joaquim M. Saavedra	\$50
Quete em Beja, entregue por G. Perdigão	7\$00
Francisco Abranches Rocha	6\$70
Quete aberta em Reims (França), entre operários portugueses que trabalhavam nas obras de reedificação, 210 francos, ao cambio do dia (Lista n.º 1) (*)	96\$60
Quete entre os quadros da secção de cortiças da Fabrica Seixas	6\$05
Francisco Soares	\$50
Artur C. Pereira	2\$00
José Joaquim Fernandes	\$530
J. O. (Porto)	20\$00
Norberto T. Carvalho (Porto)	3\$00
Tabacaria da Bica do Sapato	\$60
Amílcar Tomaz	2\$50
Manuel Trindade	\$50
José dos Santos	1\$00
Joaquim S. Pinto	\$50
José Paulino Júnior	\$50
Francisco Alves	1\$00
Francisco M. Azevedo	\$25
Eduardo Braga	\$50
Saldo da liquidação da Associação dos alunos da Escola do Alto Pina, curso diurno	\$70
Sebastião Botão (Silves)	2\$50
Joaquim Rodrigues, de New Bedford	17\$34
Quete achada	\$50
Aires	1\$00
Manuel J. Silva	1\$00
Eduardo Pacheco	\$50
Félix Diogo (Panoias)	\$50
Serafim da Silva Saraiva (Gaia)	1\$00
Total	7.178\$15

Lista n.º 1 (Importância em francos):

Francisco Pereira, 12; Manuel da S. Moatim, 10; Diamantino Veiga, 10; António Quintas, 10; Albino H. da Silva, 10; António Moreira, 10; António L. do Couto, 10; David Pereira, 10; Manuel da Silva, 10; Joaquim d'Oliveira, 10; Alberto Alves, 10; Fernando S. Queirós, 10; Serafim O. Maia, 10; Alfredo Moreira, 10; Joaquim da S. Santos, 10; Evaristo Sio, 10; José A. da Silva, 10; Francisco João, 10; Augusto de S. Torres, 10; Manuel de S. Oliveira, 10; Manuel Rodrigues, 10; António da Costa, 10; António da Silva, 10; Caezaro da Silva, 10; Manuel J. Fernandes, 10; António de Sousa, 10; Agostinho F. Castela, 10; Joaquim Gomes, 10; Guilherme O. Maia, 10; José Gracina, 10; José Farinha, 10; Silvestre Castro, 10; Joaquim da Silva, 10; Serafim M. de Sousa, 10; António M. dos Santos, 10; António Pereira, 10; Manuel Carneiro, 10; Joaquim F. Estrela, 10; Joaquim Alves, 10; Albino Marques, 10; Manuel M. Rodrigues, 10; Anibal Fernandes, 10; Alvaro J. Ferreira, 10; Belmiro da Silva, 10; Francisco M. Guimarães, 10; Hugo Borges, 10; Rui da Costa, 10; António de Castro, 10; João de Sousa, 10; António Gonçalves, 10; Eduardo Gonçalves, 10; António H. Ferreira, 10; António F. Saraiva, 10; Henrique G. Vieira, 10; Domingos S. Reis, 10; Joaquim G. Oliveira, 10; Mário Ferreira, 10; Total 210. Ao cambio do dia, 96,8.

Rendimentos dos operários

No banco do hospital de São José foi penado Manuel Ferreira, de 19 anos, condutor da estação 21 de Bombeiros Municipais e ali residente, que, quando conduzia uma viatura para um incêndio, foi colhido por uma das rodas, na rua Saraiva de Carvalho, ficando contuso no pé direito.

A CIDADE... CHARLATÃES

Não compreendo porque razão o povo de Lisboa sofre dos pulmões e ainda teme a sífilis, apanha sarampo e pneumonia, anda a pé, quando podia gosar os automóveis, tem falta de dinheiro e as botas no fio, lhe apodrecem os dentes e traz nódoas nas calças, não possui fósforos nem carvão, passa fome e padece do fígado. Não compreendo. Será por falta de amigos sinceros? Por não ser previdente? Ou será por não ouvir bons conselhos e apreciáveis recomendações? Não. Evidentemente, não é por nada disto.

Amigos, e amigos desinteressados encontra-os o povo por toda a parte onde se encontra — na praça pública, na oficina, no parlamento...

São mais do que amigos: são protetores. Eles são todos infinitamente sábios; eles não tinham necessidade de sacrificar o seu bem-estar, a sua fortuna, a sua mulher e os seus filhos, a sua vida, para gastar o seu tempo a aconselhar, a propagandar medidas radicais que trazem infalivelmente a saúde, a abundância, a felicidade.

Se porventura há alguém — dúvida inaceitável! — que não conheça esses homens admiráveis, que não tenha ouvido a sua palavra insinuante, que não tenha seguido, uma vez só que seja, as suas prescrições justas, que os procure no Rossio ou no Terreiro do Paço, em S. Domingos ou no Camões. Que procure, escute e experimente seus pareceres.

Eu sempre que posso corro a ouvir-lhes. Pr'ali me deixo entregar confiadamente em seu falar, como menino em colo de mamã. As suas frases são odens que eu devo acatar, seus remédios e engredientes são mágicas artes que não falham nunca.

Quando ouço o tenir da sua campanha, lá vou eu... Não quero perder uma lição. Que saber extraordinário o daqueles homens! Eles fazem falar boncos felos como manipangos, que prendem a cordeis; pequenas bolas em suas mãos apparecem e desaparecem à sua vontade omnipotente; acendem cigarros com uma gota de água e apagam-nos com fogo; empunham um barbalho de cartas e executam maravilhas; transformam o cobre em prata e esta no mais puro ouro; possuem misteriosos líquidos que roem a caspa e outros que obrigam o cabelo a crescer abundante nas calvas luzidas, como trigo em terra fecunda; ferros que arrancam dentes e águas que os fazem nascer; ervas que expulsam todas as lesões do organismo doente, e succede até — oh! os beneméritos! — distribuir, sem lhes mendigarem, autênticas notas do banco, ao povo despossado.

Que mais quero eu? Que mais quero o lisboeta? Casa para habitar e pão que baste e não se enrole na tripa? Não compreendo, não se comprehende porque há povo desgraçado!

Ide e escutai os grandes modelos de abnegação, ide!

— Esta caixainha que aqui vêdes — dizem eles, diz o velhote em S. Domingos, exclama o gordo junto à Arcada, brama o alto, magro, de panamá brasileiro — esta caixainha que aqui vêdes contém um pó maravilhoso. E' ouro, ouro autêntico que vos desejo distribuir. Admirar-vos há sua cor rosada e seu perfume exquisito. E' ouro, porém, e ouro de lei. E' ouro porque vos poupa o vosso ouro, e ouro porque evita todas as doenças da boca. Não há mil cróbio que lhe resista nem dor mais teimosas que não deixe sua teimosia.

Mas talvez não acrediteis, porque gente ingenerante vos ensinaram a chamar-me charlatão — este pó cor de rosa, como faces mimosas de donzela; também vos cura as unhas encravadas, restitui o brilho à prata fôca das vossas correntes, amacia-vos a pele, perfuma-vos o corpo, não lhe resistem as dores sciáticas, nem o reumatismo mais

do, bruscamente e autoritariamente, lhe disse que se soubesse, no dia do acontecimento, que ele o havia de criticar naquele campo, teria despedido a farda e desafiado-o para outro lugar!

Estas ameaças e intimidacões actuaram um pouco no espirito do povo, retirando-se os mais tímidos, limitando outros os seus depoimentos, e como os dias marcados para a sindicância eram de labor nos campos, uma grande parte dos queixosos não depoz por andar longe do local.

Faça-se, porém, uma sindicância imparcial e justa, sem coacção seja de quem for, que não só se confirmariam os factos succedidos como ainda se averiguarão mais barbarismos.

Excursão de Recreio e Estudo a Sintra

Tendo vários camaradas mostrado a esta comissão desejos de tomar parte no passeio a Oeiras, promovido pelo G. D. da C. Civil, e cujo produto uma parte reverte a favor da Batalha, o que se lhes tornará impossível, em virtude do curto espaço de tempo que há entre os dois passeios, e tendo também desejos de ir assistir ao Congresso das Juventudes Sindicallistas, sugeriu a ideia da transferência da dita excursão para Setúbal, na data do Congresso.

Reunida a comissão, constatou-se que todos os delegados estavam de acordo, sendo resolvido que se organizasse o passeio a Setúbal, devendo em breve ser publicado as condições e o programa.

Qualquer camarada que já tenha entrado com qualquer quantia e que se não conforme com esta resolução pode levantá-la, não sendo pago.

Reunida a comissão, constatou-se que todos os delegados estavam de acordo, sendo resolvido que se organizasse o passeio a Setúbal, devendo em breve ser publicado as condições e o programa.

Qualquer camarada que já tenha entrado com qualquer quantia e que se não conforme com esta resolução pode levantá-la, não sendo pago.

Reunida a comissão, constatou-se que todos os delegados estavam de acordo, sendo resolvido que se organizasse o passeio a Setúbal, devendo em breve ser publicado as condições e o programa.

Qualquer camarada que já tenha entrado com qualquer quantia e que se não conforme com esta resolução pode levantá-la, não sendo pago.

Reunida a comissão, constatou-se que todos os delegados estavam de acordo, sendo resolvido que se organizasse o passeio a Setúbal, devendo em breve ser publicado as condições e o programa.

AS GREVES

Pessoal da Imprensa Nacional

Esta greve prossegue sem a menor defecção, mostrando o pessoal manter o mesmo espirito de luta com que a iniciou. A sede do sindicato continua a afiluir grande número de camaradas a informar-se do estado do movimento, cujos informes lhes são fornecidos pela comissão de negociações que por sua vez se encontra em comunicação com o Comité dirigente do movimento.

Espera-se que esteja próxima a solução do conflito, atendendo a brevidade da constituição do novo governo. O pessoal não retomará porém o trabalho sem ver melhorada a sua situação económica como reclama.

Pessoal da Casa da Moeda

Do Comité da greve dos operários da Casa da Moeda, recebemos a seguinte nota:

«Confiado na vitória da justiça das suas reivindicações, continua o pessoal deste estabelecimento do Estado a manter-se firme, sem desânimos, no seu movimento de reivindicação.

O Comité participa que tem conhecimento que hoje irão trabalhar para aquele estabelecimento, os reclusos da Penitenciária, o que de certo modo nos satisfaz, porque em tal determinação vemos um baixo expediente que em nada prejudica a nossa causa, contribuindo o nosso movimento para que a esses desgraçados seja facultado um pouco de ar e de... liberdade.

Apesar de constar que nas oficinas, e em especial na de fundição, se encontram profissionais militares, o Comité está compelido a considerar a consideração que por eles tem a organização, que espera que não seja traída por esses camaradas.

O Sindicato Unico Metalúrgico recomenda a todos os camaradas metalúrgicos que não devem ir trabalhar para a Casa da Moeda, e declara que confia de futuro os camaradas deste estabelecimento mantenhiam uma attitude consciente, como o fazem hoje, apesar dos trus empregados pela administração.

Que nenhum camarada desanime, pois que a vitória será dos que teem por seu lado a razão e a justiça, baseando as suas reclamações nas necessidades imperiosas devido à crescente carência da vida.

O Comité publicou um manifesto elucidando o publico sobre a sua situação.

Cabouqueiros e fabricantes de cal

Reuniram ontem estas classes em greve, para apreciar a marcha do movimento, estando largamente concorrida a assembleia.

Fizeram uso da palavra diversos grevistas, bem como um delegado da comissão de melhoramentos do Sindicato Unico da Construção Civil, sendo nomeadas comissões de vigilância.

Foi lida uma lista com os nomes dos amercados, os quais foram asperamente censurados pela assembleia, sendo resolvido, caso continuem em tam vil papel, publicar os seus nomes em A Batalha.

No final da sessão, entre vivas à greve, foi aprovada a seguinte moção:

Considerando que foi o alto e baixo comércio e industria quem provocou a alta de preços da alimentação, do vestuário, calçado e rendas de casa;

Considerando que foi o alto e baixo comércio e industria quem provocou as greves por aumento de salários;

Os cabouqueiros e fabricantes de cal, reunidos em assembleia magna, resolvem:

1.ª Manter a greve até que sejam atendidas as reclamações;

2.ª Saudar todas as classes em greve.

O comité

Hoje, pelas 17 horas, reunem todos os grevistas, sendo necessário que ninguém falte.

Chauffeurs

Foi hoje às 0,5 minutos iniciada a greve geral dos chauffeurs de praça, aluguer, de camionagem e particulares, tendo a essa hora recolhido todos os automóveis, principalmente os de praça, que iniciaram o movimento numa forma brilhante, vindo-se à meia noite e meia hora as praças vazias.

O Comité Central reuniu em seguida, resolvendo que fossem exceptuados do movimento os chauffeurs da Cruz Vermelha, Bombeiros Municipais e Voluntários; mais resolveu que em qualquer caso de doença e desastre se dirijam à Associação de Classe dos Chauffeurs, Largo de São Domingos 11-2.º, pois que serão fornecidos automóveis para estes casos excepcionais.

O Comité Central ao tomar a direcção do movimento salda toda a classe, e incita-a a proseguir na luta sem desfalecimentos, pois que pode afirmar que o movimento não será longo.

Hoje às 17 horas continua a reunião magna. Que todos os chauffeurs compareçam.

EM PENAFIEL

A greve dos manufatureiros de calçado — Invasão, pela guarda republicana, do Sindicato dos sapateiros — Prisões, pranchadas e perseguições — O estado de sitio

PENAFIEL, 15.-C.-O que se tem passado nesta cidade, a propósito da greve dos manufatureiros de calçado, é simplesmente revoltante. Não há liberdade de reunião, de discussão, de pensar. Dir-se há que estamos num lugarejo africano, muito distante da civilização europeia. Quem impera nestes dominios é a guarda republicana e o administrador, de nome Armando Bar-

bosa, que, em nome duma fementida assecuração da ordem pública, comete todas as tropelias que o seu instinto mau concebe, seguro da impunidade de que goza.

Porquê, todas estas coisas? Por causa duma greve legítima, cuja reclamação é fundamentada no sempre crescente aumento do custo da vida, na desmedida ganância do industrialismo e comercialismo. Os operários sapateiros, depois de tentarem uma conciliação com os patrões, em face da intransigência destes, optaram pelo movimento grevista, o qual decorreu pacífico até à altura em que as denominadas autoridades se arrogaram o direito de intervir... para provocarem desordens. Isto acontece em virtude dos industriais combinarem planos com as autoridades locais.

Há dias, enviados pela Federação da Indústria de Calçado, chegaram dois delegados, os nossos camaradas João de Campos e João Timóteo, que vinham trazer a solidariedade dos camaradas do Porto, também em luta com o patronato, e ao mesmo tempo orientar os grevistas de molde a tentarem uma aproximação e, por consequência, a solução rápida do conflito.

Pois a guarda republicana, mal teve conhecimento da estada dos delegados, resolveu, de harmonia com o administrador, mancomunado com os industriais, pregar-lhes a partida; e assim, inopinadamente, bruscamente, e sob o comando dum alferes, invadiu o Sindicato dos Manufatureiros de Calçado, baioneta em riste e mão no gatilho, estabelecendo-se tumulto, merce do pavor. Se não fosse a prudência dos delegados, certamente ter-se-ia a registar ocorrências sangrentas e lamentáveis.

Depois duma conferência havida entre os delegados e o aludido administrador, este concedeu algumas tréguas, para que os operários se avistassem com os patrões, no sentido de se chegar a um acordo. Porém, à noite, e de baixo dos impulsos duma premeditação, o administrador, acolitado pelo capitão Abílio, chamaram, a título de explicações, os delegados do Porto e os camaradas António Pereira de Sousa e Luiz Queiroz, prendendo-os e encausando-os na cadeia. Esta cidade indignou toda a gente, e após nova invasão do sindicato, seguir-se as costumes brutalidades da guarda, que originaram correrias, gritos, tal foi a fúria das pranchadas distribuídas a torto e a direito. Do ataque ferino dos mantenedores do ordem, resultou sair gravemente ferido Adriano Pinto, que, em maca, recolheu ao hospital. Quem se salientou na ferocidade, foi o soldado conhecido pelo sobrinho de Raucha o prego, dando mostras duma selvageria requintada. A população encontra-se excitada contra o regime bárbaro que as autoridades implantaram, chegando, por várias vezes, a perseguir os grevistas pelos montes, por onde andam foragidos, na esperança louca de lhes espetar as baionetas. Em conclusão, a cidade está em estado de sitio, sem prévia declaração.

Alguns presos foram já postos em liberdade, mas o sindicato ainda se encontra encerrado. Apesar de tudo, a greve continua, mantendo-se a solidariedade dos grevistas.

Uma última dos "donos, de Olhão

